

Mensagem de Natal de 1965

(MÚSICA, MEDITAÇÃO E ILUMINAÇÃO ou A Ciência da Música)
Samael Aun Weor

Índice

| | |
|--|--------------------|
| Capítulo 1 - A MÚSICA | 2 |
| Capítulo 2 - O DERVICHE BOJARIO HADJI - ASVATZ - TROOV | 6 |
| Capítulo 3 - A LEI DO TRÊS | 11 |
| Capítulo 4 - A MATERIALIDADE CÓSMICA..... | 17 |
| Capítulo 5 - A NATUREZA..... | 19 |
| Capítulo 6 - A REVOLUÇÃO DA CONSCIÊNCIA..... | 23 |
| Capítulo 7 - OS TRÊS FATORES..... | 25 |
| Capítulo 8 - O ABUSO SEXUAL | 27 |
| Capítulo 9 - O EU E O SER..... | 31 |
| Capítulo 10 - A VERDADE..... | 35 |
| Capítulo 11 - OS OCULTOS NÍVEIS DO SUBCONSCIENTE..... | 37 |
| Capítulo 12 - O MESTRE CHINÊS HAN SHAN..... | 40 |

Dados sobre a obra

autor: Samael Aun Weor (1917-1977)

ano da publicação: 1965 (3 E.A. – Terceiro ano da Era de Aquário)

título: Mensagem de Natal de 1965 (Música, Meditação, Iluminação)

Esta obra pode ser divulgado livremente, desde que não alterados o seu conteúdo e forma.

CAPÍTULO 1 A MÚSICA

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus.

Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez. Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas trevas e as trevas não a compreenderam.”.

Em todo o Cosmos existe a escala sonora dos sete tons. Os sete tons da grande escala ressoam em todo o universo, com os ritmos maravilhosos do fogo.

O Mahavan e o Chotaban são os ritmos do fogo que sustentam o universo firme em sua marcha.

Os sete Cosmocratores da aurora da criação celebraram os rituais do fogo cantando nos Templos.

Sem o Verbo criador, sem a magia da palavra, sem a música, o universo não existiria, “no princípio era o Verbo”.

Velhas tradições arcaicas dizem que o conhecimento relativo à sagrada Heptaparaparshinokh (a Lei do Sete), foi revivido muitos séculos depois da catástrofe da Atlântida, por dois santos irmãos iniciados chamados Choon-kil-tez e Choon-tro-pel, os quais atualmente encontram-se no Planeta Purgatório, preparando-se para entrar no Absoluto.

Em linguagem oriental se diz que o Planeta Purgatório é a região de Atala, a primeira emanção do Absoluto.

Estes dois santos eram irmãos gêmeos. O avô destes dois iniciados foi o Rei Koniutzion quem governou sabiamente o antiquíssimo país asiático chamado naquela época Maralpleicie.

O avô Rei Koniutzion descendia de um sábio iniciado atlante, membro distinto da Sociedade de Akhdanns, sociedade de sábios que existiu na submersa Atlântida antes da segunda catástrofe Transapalniana.

Os dois sábios irmãos santos viveram os primeiros anos de sua vida na arcaica cidade de Gob, no país chamado Maralpleicie, porém tempos depois refugiaram-se nesse país que mais tarde se chamou China.

Os dois irmãos iniciados viram-se obrigados a emigrar, saindo de sua terra natal quando as areias começaram a sepultá-la. Gob foi sepultada pelas areias e hoje esse lugar é o deserto de Gobi.

Os dois irmãos, em princípio, só se especializaram em medicina. Porém, depois tornaram-se grandes sábios e viveram no lugar que mais tarde se chamou China.

Coube a estes irmãos iniciados a alta honra de haverem sido os primeiros investigadores do ópio. Os dois irmãos descobriram que o ópio consiste em sete cristalizações independentes subjetivas com propriedades bem definidas.

Com trabalhos posteriores, demonstraram que cada uma destas sete cristalizações independentes consistia, por sua vez, em outras sete propriedades ou cristalizações subjetivas independentes e estas, por sua vez, em outras sete e assim sucessiva e indefinidamente.

Puderam comprovar que existe íntima afinidade entre a música e a cor. Por exemplo, um raio colorido correspondente dirigido sobre qualquer elemento do ópio transformava-o em outro elemento ativo.

Obtinha-se o mesmo resultado se, em lugar de raios coloridos, dirigiam-se as correspondentes vibrações sonoras das cordas de um instrumento musical conhecido naquela época com o nome de Dzendvokh.

Verificou-se cientificamente que se fizermos passar qualquer raio colorido através de qualquer elemento ativo do ópio, este mesmo raio toma outra cor, a saber, a cor cujas vibrações correspondem às vibrações do elemento ativo.

Ao se fazer passar qualquer raio colorido através das vibrações das ondas sonoras das cordas do Dzendvokh, aquele toma outra cor correspondente às vibrações manifestadas por meio da corda dada.

O Dzendvokh foi um aparelho de música formidável, com o qual se logrou verificar o poder das notas musicais sobre o ópio e em geral sobre todo o criado.

Se um raio colorido definido e vibrações sonoras definidas com inteira exatidão fossem dirigidos sobre qualquer elemento ativo do ópio, escolhido entre os que possuíssem menor número de vibrações que a totalidade das vibrações do raio colorido e o mencionado som, o elemento ativo do ópio se transformava em outro elemento ativo do ópio.

É interessante saber que as sete cristalizações subjetivas do ópio se correspondem a outras sete e estas a outras sete e assim sucessivamente.

É também interessante saber que a escala musical setenária se corresponde com as setenárias cristalizações subjetivas do ópio.

Muitas experiências comprovaram que a cada classificação setenária subjetiva do ópio, correspondem escalas setenárias subjetivas do subconsciente humano.

Se a música pode agir sobre as cristalizações septenárias do ópio, é lógico pensar que também pode agir sobre as correspondentes classificações septenárias subjetivas do homem.

O ópio é maravilhoso, pois capta todas as potentes vibrações do Protocosmos inefável. Desgraçadamente, as pessoas têm utilizado o ópio de forma daninha e prejudicial para o organismo. São muitos aqueles que empregaram o ópio para fortalecer as propriedades tenebrosas do abominável órgão Kundartiguador.

Muitos séculos depois do sagrado Rascooarno (morte), dos irmãos santos, houve um Rei muito sábio que, baseando-se nas mesmas teorias dos dois iniciados mencionados, construiu um instrumento musical chamado Lav-merz-nokh, com o qual pôde verificar muitas maravilhas relacionadas com a música.

O maravilhoso de tal aparelho musical é que tinha quarenta e nove cordas, sete vezes sete, correspondentes às sete vezes sete manifestações da energia universal.

Este aparelho foi formidável, tinha sete oitavas musicais que estavam relacionadas com as sete vezes sete formas de energia cósmica. Assim foi como a raça humana daquela época conheceu em carne e osso o Hanziano Sagrado, o som Nirioonossiano do mundo.

Todas as substâncias cósmicas que surgem de sete fontes independentes, estão saturadas pela totalidade de vibrações sonoras que o mencionado aparelho de música podia fazer ressoar no espaço.

Não esqueçamos jamais de que nosso Universo está constituído por sete dimensões e que cada uma destas tem subplanos ou regiões.

O aparelho musical construído pelo Rei Too-toz, fazia vibrar intensamente todas as sete dimensões e todas as quarenta e nove regiões energéticas.

Atualmente, já temos música revolucionária formidável e maravilhosa, baseada no Som 13, mas necessitamos com urgência de aparelhos de música como o do Rei Too-toz.

Necessitamos vivificar as vibrações do som Nirioonossiano do nosso mundo para vivificar as fontes cósmicas das substâncias universais e iniciar com êxito uma nova era. O mundo foi criado com a música, com o verbo e devemos sustentá-lo e revitalizá-lo com a música, com o verbo.

A santa Lei sagrada do Heptaparaparshinokh serve de fundamento a toda a septenária escala musical.

É urgente que todos os irmãos Gnósticos compreendam a necessidade de estudar música. É urgente que todos os irmãos Gnósticos cantem sempre as cinco vogais: I, E, O, U, A.

É necessário compreender o valor da palavra e não profaná-la com pensamentos indignos.

É tão mal falar quando se deve calar, como calar quando se deve falar.

Há vezes em que falar é um delito e há vezes em que calar é um delito.

Há silêncios delituosos e há palavras infames.

Os deuses criam com o poder do Verbo porque no princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus.

Existe uma língua universal de vida que só é falada pelos Anjos, Arcanjos, Serafins, etc.

Quando o fogo sagrado floresce em nossos lábios fecundos feito verbo, a palavra se faz carne em nós.

Todos os mantrãs que conhecem os ocultistas, são unicamente sílabas, letras, palavras isoladas da linguagem da luz.

“Ao que sabe, a palavra dá poder; ninguém a pronunciou, ninguém a pronunciará senão somente aquele que O tem encarnado”.

CAPÍTULO 2

O DERVICHE BOJARIO HADJI - ASVATZ – TROOV

Certa vez, enquanto viajava pelo continente asiático, na região que se denominava Bojara, um grande sábio vindo de ignotos lugares resolveu estabelecer cordiais relações com um derviche dançante cujo nome era Hadj-Zephir-Bogga-Eddin.

Este homem era um entusiasta do esoterismo sagrado e cada vez que encontrava alguém em seu caminho falava-lhe destes estudos. Quando encontrou o nosso sábio a alegria foi grande, sorria feliz e o tema a tratar versou então sobre essa ciência chinesa antiga chamada “Shat-Chai-Mernis”.

O que hoje se sabe sobre essa ciência misteriosa conhecida pelos gêmeos chineses iniciados, dos quais falamos no primeiro capítulo desta mensagem, são só fragmentos de uma totalidade formidável.

Em outros tempos, quando ainda viviam na China esses dois gêmeos iniciados, esta ciência denominava-se assim:

“Totalidade da informação verdadeira acerca da Lei de Nonaplicidade”.

Certos fragmentos desta augusta ciência permaneceram intactos e passaram de geração em geração através de muitos irmãos iniciados nos grandes mistérios.

O sábio de nossa história sentiu-se muito feliz ao conversar com o derviche sobre essa antiquíssima ciência chinesa da qual nada sabem os sabichões modernos de tipo ocidental.

O nosso sábio chegou ao cúmulo do entusiasmo ao ser informado pelo derviche sobre outro derviche, seu amigo, quem, segundo informações, residia na Bojara Superior afastado de todos e que se dedicava a certos experimentos misteriosos relacionados com essa mesma ciência.

O derviche convidou o nosso sábio a dar um passeio por aquelas montanhas da Bojara Superior, com o são e belo propósito de visitar o anacoreta.

Três dias de viagem por entre montanhas escarpadas e caminhos solitários conduziram os dois homens desta história até uma pequena garganta situada entre os montes da Bojara Superior.

Em dita montanha, de acordo com o relato que chegou até nós, o derviche pediu ao sábio que o ajudasse a afastar uma pequena lâmina de pedra e quando o fizeram, apareceu ante os dois homens uma pequena abertura de cujas bordas partiam duas barras de ferro.

O relato diz que o derviche uniu ambas as barras e começou a escutar muito atentamente e, ao cabo de breves instantes surgiu das mencionadas barras um estranho som e, para surpresa do sábio de nossa história, o derviche pronunciou sobre a abertura algumas palavras em uma linguagem que lhe era totalmente desconhecida.

Quando o derviche terminou de falar, os dois homens colocaram a placa de pedra em seu lugar e seguiram avançando.

Foi ainda muito o que tiveram de caminhar por entre vales e montanhas profundas até chegarem a certo lugar onde se detiveram em frente a uma grande rocha.

O derviche, em estado de grande tensão, parecia estar aguardando algo muito especial. De repente uma enorme pedra abre-se e forma uma entrada misteriosa que conduz a uma espécie de caverna. Os dois homens penetraram dentro da caverna e avançaram para o fundo misterioso, podendo observar que o caminho estava iluminado alternadamente por gás e eletricidade.

Os dois homens, depois de percorrerem uma distância considerável dentro da caverna, encontraram um ancião de idade indecifrável, com o corpo muito alto e magro, que os recebeu com as saudações de costume e os conduziu até o interior da caverna.

Este era o amigo do derviche, de nome Hadji-Asvatz-Trov. O ancião ermitão conduziu os dois homens até uma parte muito cômoda da caverna e em seguida assentaram-se todos em um feltro que cobria o chão e comeram isso que se chama na Ásia “Frio da Bojara”, “Shila-Tlav”, servido em panelas de barro que o ancião trouxe.

Os dois homens conversaram com o ancião-ermitão durante a comida. O tema foi naturalmente a apaixonante ciência chinesa, chamada Shat-Chai-Mernis.

A ciência deste velho é a ciência das vibrações. Tudo que é, tudo que foi, tudo o que será, está submetido à ciência das vibrações. O ermitão havia dedicado sua vida ao estudo das vibrações, o Shat-Chai-Mernis.

O ermitão havia estudado muito a fundo a teoria assíria do grande Mal-Manash, a teoria árabe do famoso sábio Selnehhe-Avaz, a grega de Pitágoras e, em geral, todas as teorias chinesas.

Este homem havia construído em forma modificada o Monocorde de Pitágoras, o famoso aparelho de música com o qual Pitágoras realizava seus experimentos.

Dito aparelho é muito complexo e está cheio de vibrômetros que servem para medir as vibrações das cordas.

O ancião-ermitão era um verdadeiro sábio e havia construído muitos aparelhos para medir com exatidão as vibrações.

Disse o ancião que na antiquíssima civilização do Tikliamish existiam muitíssimos aparelhos especiais para medir as vibrações.

O ermitão fez logo várias demonstrações com as vibrações musicais. Soprou ar com um pequeno fole sobre os tubos de um aparelho de música de sopro, os quais iniciaram uma monótona melodia de cinco tons. Os vibrômetros indicaram com exatidão o número de vibrações. Junto ao aparelho de música colocou-se um vaso de flores.

Quando o ermitão terminou sua monótona música, as flores do vaso estavam intactas.

Depois o ancião se transferiu do antigo monocorde ao piano de cauda, provido também de vibrômetros para medir as vibrações e começou a tocar determinadas teclas do piano produzindo a mesma monótona melodia.

Quando o ancião parou de tocar não ficaram no vaso senão os restos envelhecidos das flores que antes estavam cheias de vigor e beleza. Desta forma o ancião demonstrou o poder vibratório das ondas musicais sobre a matéria.

Aquele ancião ermitão dividia as vibrações em duas classes: vibrações criadoras e vibrações impulsoras. Disse o referido ermitão que com tripas de cabra podiam-se fabricar cordas especiais para a produção de vibrações criadoras e que com os instrumentos de sopro como as trombetas, flautas, etc., se obtém vibrações impulsoras.

Depois de dar algumas outras explicações, segundo o relato que chegou até nós, aquele ermitão trouxe um envelope, papel e lápis para outro experimento. Escreveu alguma coisa no papel, colocando-o dentro do envelope. Depois pendurou o envelope fechado em um gancho diante dos dois visitantes e sentou-se diante de um piano.

Conta-nos a tradição que o ancião tocou outra vez uma monótona melodia, porém agora, dois sons da oitava mais grave do piano repetiam-se paralela e constantemente na melodia.

Depois de alguns instantes o derviche visitante não podia permanecer imóvel e se retorcia agitando a perna esquerda na qual sentia uma terrível e espantosa dor.

O ermitão depois de certo tempo parou de tocar a monótona melodia e dirigindo-se ao sábio visitante disse: “amigo de meu amigo, tenha a bondade de pôr-se de pé, tire o envelope do gancho e leia o que está escrito dentro.”

O sábio fez o indicado e quando leu o papel que estava dentro do envelope viu que estava escrito: “Em cada um de vocês formar-se-á, devido às vibrações procedentes do piano de cauda, um furúnculo na perna esquerda, uma plegada abaixo do joelho e meia plegada à esquerda da metade da perna”.

O ancião fez com que os dois homens deixassem a descoberto, cada um, sua perna esquerda. Com assombro descobriu-se na perna esquerda do derviche visitante o furúnculo anunciado. Ali estava, não havia dúvida alguma, mas faltava na perna esquerda do visitante.

Esse último tinha uma vibração diferente porque era um Mestre vindo de outro planeta à Terra e é claro que a vibração deste gênero era de outra frequência, distinta da que o sábio levava em seu corpo.

Quando o ermitão convenceu-se de que faltava o furúnculo na perna esquerda do sábio, saltou imediatamente do seu assento, dizendo: “Não pode ser!”... E olhava assombrado com olhar de louco. Então foi necessário que o sábio vindo de outro planeta lhe fizesse compreender que nada havia falhado, e que depois, a sós, lhe contaria seu segredo.

A muitos leitores parecerá impossível que por nossa Terra caminhem habitantes de outros planetas e o mais possível é que se riam agora, ceticamente. Mas, assim é. Em todas as épocas nossa terra tem sido visitada por habitantes de outros planetas.

Velhas tradições dizem que o Mestre Sanat Kumara fundador do Grande Colégio de Iniciados da Grande Loja Branca, veio de Vênus com seu corpo físico.

O sábio de nossa história era um Mestre vindo de outro planeta, mas guardava segredo.

Em outros tempos existiram maravilhosos instrumentos de música com os quais se fizeram formidáveis experimentos.

Sabendo manejar as ondas vibratórias do som pode-se atuar sobre toda a substância, sobre toda a vida.

No princípio era o Verbo, diz João, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

Realmente, sem o som, sem o Verbo, sem a palavra, o sistema solar no qual vivemos, nos movemos e temos nosso ser, não existiria.

No amanhecer da vida os Cosmocratores trabalharam em seus Templos com a Magia Sexual do Verbo.

Qualquer Mestre forte em meditação pode estudar Cosmogênese nos Registros Akashicos e verificar por si mesmo o trabalho Litúrgico dos Cosmocratores no amanhecer da vida.

Diante de todo iluminado apresentam-se nos Registros Akashicos os Templos dos Cosmocratores e seu trabalho com as vibrações.

Dentro de cada Templo aparecem sentados em seus tronos do Oriente Interno, um sacerdote e uma sacerdotisa.

Em cada Templo há um plano inferior sobre o qual estão todos os setiais e colunas do Templo .

Os Elohim mencionados pelas sagradas escrituras ocupam esse plano inferior.

Esta é a Maçonaria primeva, estas são as oficinas dos Cosmocratores.

Canta o sacerdote, canta a sacerdotisa e cantam todos os Elohim do Templo e suas vozes ressoam no Caos.

Assim se realizam os Rituais do Fogo no amanhecer da vida e as três forças, chamadas masculina, feminina e neutra, vibram cientificamente produzindo múltiplos fenômenos na matéria.

Então, se faz fecunda a Grande Mãe, a Matéria-Prima da Grande Obra, e brotam os gérmenes de toda a criação. Assim é como nasce o Universo do Pleroma, assim nasce todo Sistema Solar.

A Magia Sexual do Verbo criou este Universo no qual vivemos, nos movemos e temos nosso Ser.

Nosso Sistema Solar em princípio foi sutil; depois foi se tornando cada vez mais e mais denso até tomar a atual consistência física.

Este Universo é portanto um produto das vibrações do Verbo, da Música.

CAPÍTULO 3 A LEI DO TRÊS

Amadíssimos, é necessário que conheçamos a fundo a Lei do Três.

É urgente saber qual é o lugar que ocupamos neste raio maravilhoso da criação.

O Filho veio ao mundo para nos salvar e é necessário saber o que é o Pai, o que é o Filho, e o que é o Espírito Santo.

Todas as Trimurtis sagradas de todas as religiões correspondem às três forças primárias do universo.

O Pai, o Filho, e o Espírito Santo constituem uma Trindade dentro da Unidade da vida.

Ísis, Osíris e Hórus, Brahma, Vishnú e Shiva, etc., são as Trimurtis sagradas que representam sempre as mesmas três forças primárias.

Todos os fenômenos cósmicos, toda criação, tem sua base nas três forças primárias.

Os cientistas contemporâneos reconhecem a força e a resistência, a força positiva e a força negativa, as células positivas e negativas, isto é, as células masculinas e femininas, etc., porém, ignoram que sem uma terceira força neutra é impossível todo fenômeno, toda criação.

É certo e de toda verdade que uma ou duas forças não podem produzir nenhum fenômeno, porém os cientistas crêem que as forças positiva e negativa podem produzir todos os fenômenos.

Se estudarmos a nós mesmos profundamente, poderemos descobrir as três forças em ação.

A eletricidade não só é positiva e negativa. Existe a eletricidade em sua forma neutra.

Uma ou duas forças não podem jamais produzir nenhum fenômeno e cada vez que observamos a detenção no desenvolvimento de qualquer coisa, podemos dizer com absoluta certeza que ali falta a terceira força.

As três forças primárias se separam e se unem novamente, se dividem e se multiplicam cosmicamente.

No Absoluto Imanifestado, as três forças primárias constituem uma unidade indivisível e auto-consciente em forma íntegra.

Durante a manifestação cósmica as três forças primárias se separam e se unem e naqueles pontos onde as três concorrem criam-se fenômenos, mundos, universos, etc.

Estas três forças no Raio da Criação parecem três vontades, três consciências, três unidades. Cada uma destas três forças contém em si mesma todas as possibilidades das três. Não obstante, em seu ponto de conjunção, cada uma delas manifesta somente um princípio, o positivo, o negativo ou o neutro.

É interessantíssimo ver as três forças em ação. Elas se separam, afastam-se e depois se reencontram para formar novas trindades diferentes, que originam novos mundos, novas criações cósmicas.

No Absoluto, as três forças são o Logos único, a variedade dentro da unidade total, o Pai, o Filho e o Espírito Santo constituindo um todo onisciente e onimisericordioso.

O Mestre G falando a seus discípulos sobre a Lei do Três, disse:

“Imaginemos o Absoluto como um círculo no qual há um número de outros círculos, ou seja, mundos de segunda ordem. Tomemos um destes círculos. Designemos o Absoluto com número 1 porque as três forças constituem um todo n'Ele; designaremos os pequenos círculos com o número 3, porque em um mundo de segunda ordem as três forças estão divididas”.

“As três forças divididas em mundos de segunda ordem criam (fabricam) novos mundos mundos de uma terceira ordem ao se juntarem em cada um deles”.

“Tomemos um destes mundos. Os mundos de terceira ordem, criados (fabricados) pelas três forças que já atuam semi-mecanicamente, deixam de depender da vontade única do Absoluto e passam a depender de três leis mecânicas. Estes mundos foram criados pelas três forças e, havendo sido criados, manifestam três forças novas e próprias. Assim teremos que o número de forças que atuam nos mundos de uma terceira ordem serão seis no total. No diagrama se designa o círculo de terceira ordem com o número 6 (3+3)“.

“Por sua vez, estes mundos criam novos mundos de uma quarta ordem. Nos mundos de quarta ordem atuam três forças do mundo de segunda ordem, seis forças do mundo de terceira ordem e três forças próprias, no total 12 forças”.

“Tomemos um destes mundos e designemo-lo com o número 12 (3+6+3). Como estão sujeitos a um maior número de leis, estes mundos encontram-se ainda mais afastados da vontade do Absoluto e são ainda mais mecânicos”.

"Os mundos criados dentro destes últimos estão sob o governo de 24 forças (3+6+12+3). Os mundos criados dentro destes estarão por sua vez governados por 48 forças e esta soma (48), resulta do seguinte: 3 forças resultantes do mundo que segue imediatamente ao Absoluto, seis do seguinte, doze do que segue a este, vinte e quatro do subsequente e três próprias (3+6+12+24+3), ou seja, quarenta e oito no total."

“Os mundos criados dentro dos mundos 48, estarão sob o governo de 96 forças (3+6+12+24+48+3). Os mundos da seguinte ordem estarão sob o governo de 192 forças, e assim por diante”.

Se analisarmos a fundo estes cálculos matemáticos do Mestre G, devemos compreender que o mundo de noventa e seis leis é o primeiro plano submerso do abismo e que o mundo de cento e noventa e duas leis corresponde ao segundo plano submerso do abismo.

O abismo é o reino mineral e está situado sob a superfície da terra.

O abismo é o Tártarus grego, o Avichi hindu, o Averno romano, o Inferno cristão, etc.
O abismo tem sete regiões submersas. E essas são os Infernos Atômicos da Natureza.

A Lei do Três nos permite saber quantas leis governam cada região submersa do inferno.

Se no mundo de 48 leis, que é o mundo celular onde vivemos, já tudo é mecânico e nem remotamente se faz a vontade do Absoluto, que diremos do Reino Mineral?

No Reino Mineral submerso nem sequer se recorda a vontade do Absoluto.

O raio da criação começa no Absoluto e termina no Inferno. A ordem do raio da criação é assim:

- 1- Absoluto.**
- 2- Todos os mundos.**
- 3- Todos os sóis.**
- 4- O sol.**
- 5- Todos os planetas.**
- 6- A terra.**
- 7- O inferno.**

Lamentamos ter que divergir do Mestre G na questão da Lua. O Mestre G crê que o Raio da Criação começa no Absoluto e termina na Lua.

O Mestre G supõe que a Lua é um fragmento desprendido da Terra em um remoto passado arcaico.

O Mestre G crê que a Lua é um mundo que está nascendo e que se alimenta da vitalidade terrestre.

Os que estivemos ativos no passado Dia Cósmico, sabemos perfeitamente que a Lua foi um mundo como a Terra, um mundo submetido a muitos processos evolutivos e involutivos, um mundo que teve vida em abundância e que já morreu. A Lua é um cadáver.

A Lua pertence ao passado Raio da Criação. A Lua não pertence ao nosso atual Raio da Criação.

A influência lunar é do tipo subconsciente submerso e controla as regiões tenebrosas do Abismo terrestre. Por isso é que estas regiões são chamadas em esoterismo de regiões sublunares submersas, essas são as trevas exteriores onde há choro e ranger de dentes.

Nós vivemos normalmente neste mundo celular das 48 leis e é muito interessante saber que a célula animal da qual provém por gestação o organismo humano, tem 48 cromossomos.

Se no mundo e em todos os mundos de terceira ordem criados pelas três forças que já atuam semi-mecanicamente, já não se faz a vontade do Absoluto, muito menos se faz tal vontade neste mundo de 48 leis no qual vivemos, nos movemos e temos nosso Ser.

Somente um consolo nos resta (embora seja no fundo terrível) e é que abaixo de nós, sob a superfície da terra existem mundos de 96, 192 forças e ainda muito mais, que são tremendamente mais complicados e terrivelmente materialistas, onde nem sequer se recorda que existe a vontade do Absoluto.

O Absoluto cria seu plano cósmico no mundo das três leis e depois tudo continua mecanicamente.

Nós estamos separados do Absoluto por 48 leis mecânicas que nos fazem a vida espantosamente mecânica e terrivelmente tediosa.

Se fabricarmos para nós mesmos um corpo astral verdadeiro (não confundir com o corpo de desejos de que nos fala Max Heindel), nos libertamos da metade destas leis e ficamos submetidos às 24 ordens de leis que governam sabiamente o mundo planetário.

Fabricar um corpo solar, isto é, um corpo astral autêntico, significa de fato estar um passo mais próximo do Absoluto.

Se após havermos fabricado o corpo astral nos dermos ao luxo de fabricar o corpo mental (não confundir este com o mental que usam normalmente os vivos e os mortos que é do tipo lunar-animal), daremos outro grande passo rumo ao Absoluto e ficamos submetidos às 12 leis solares.

Se fabricarmos o Corpo da Vontade Consciente ou corpo causal (não confundir com a essência anímica depositada dentro da mente lunar), então nos libertamos das 12 leis solares e ficamos submetidos a seis ordens de leis cósmicas. Isso significa dar um terceiro passo para o Absoluto.

O quarto passo nos leva ao Absoluto mesmo, ao Protocosmos divino, o qual está governado por 3 leis apenas. O Protocosmos é Espírito Divino e se acha submerso no seio do Absoluto.

Todos os seis mundos do Protocosmos estão constituídos pela divina substância do Espírito Divino.

Nós podemos subir ou baixar, regressar ao Absoluto ou descer ao reino mineral.

As almas que entram no reino mineral ficam submetidas primeiro a 96 ordens de leis, depois a 192 e, conforme vão involuindo nesse reino submerso, vão se complicando com maior e maior número de leis.

Os que entram no abismo mineral involuem, retrocedem, baixando pelos reinos animal, vegetal e mineral.

Quando os perdidos chegam ao estado mineral, quando se fossilizam totalmente sob a superfície da terra, então de fato se desintegram, se reduzem a pó.

O abismo é o crisol de fundição. É necessário que os tenebrosos se desintegram no abismo para que a essência, a alma, se libere e regresse a seu Espírito Divino de onde um dia saiu.

No crisol de fundição, as almas petrificadas são fundidas pelo processo cósmico que Ibsen simbolizou como o fundidor de botões em "Peer Gynt".

Tal fundição das formas petrificadas e rígidas que perderam a possibilidade de desenvolver-se, é claro que traz consigo espantosos sofrimentos e terríveis amarguras indescritíveis.

O crisol de fundição tem por objetivo restaurar o produto psíquico defeituoso, retorná-lo a seu estado natural de pureza primitiva e libertá-lo dos corpos lunares depois de desintegrar o Eu por meio da involução submersa.

No crisol de fundição cósmica se reduzem a pó os corpos lunares e o Ego.

Somente reduzindo-se a pó o Ego e seus corpos lunares, pode libertar-se do abismo a Essência, a Alma, o princípio psíquico.

Um sábio autor dizia: “A descida ao inferno é, portanto, uma viagem para trás na involução: uma submersão em densidade sempre crescente, em obscuridade, rigidez e em um tédio inconcebível de tempo; uma queda para trás através das idades ao caos primitivo, onde a infinita ascensão para o conhecimento de Deus tem que começar outra vez desde o princípio”.

O Livro Tibetano dos Mortos diz, referindo-se ao abismo: “Ao cair aí, terás que sofrer padecimentos insuportáveis e donde não há tempo certo de escapar”.

Dante situa o inferno dentro do interior da terra e o considera formado por esferas concêntricas de densidade crescente. Essas esferas são do tipo sub-lunar.

Cada uma dessas esferas submersas está governada por uma abrumadora quantidade de leis que podem começar por 96, continuar com 192 e multiplicarem-se sucessivamente de acordo com a Lei do Três.

Um Mestre, falando do inferno, dizia: “Está o Naraka Hindu situado debaixo da terra e debaixo das águas. Este é o Aralu Babilônico, a terra do não-retorno, a região da obscuridade... a casa na qual o que entra não segue adiante... o caminho do qual o viajante nunca regressa... a casa cujos habitantes não vêem a luz... a região onde o pó é o pão e o lodo o seu alimento.. Esse é o Tártarus Grego ao qual conduzia a boca da terra onde flui uma quantidade de fogo e há enormes rios de fogo e muitos rios de lodo... uma caverna na terra que é a maior de todas elas, e ademais atravessa toda a terra. Aqueles considerados incuráveis são lançados pelo anjo no Tártarus e daí não saem mais”.

“Este é o Amentet Egípcio representado no plano cósmico da grande pirâmide por uma câmara pétreia obscura e cem pés abaixo da superfície, cujo piso se deixou informe e da qual um passagem final conduz a nenhuma parte”.

Inferno vem da palavra latina Infernus e esta palavra significa região inferior.

A região inferior não é a região celular em que vivemos. A região inferior é o submundo, o Reino Mineral Submerso, sob a superfície da crosta terrestre.

O inferno é então um submundo com sete regiões dentro da terra.

A litosfera é o reino dos minerais e a barisfera é o reino dos metais.

Todos os seres humanos um pouco mais tarde ou um pouco mais cedo se identificam com o reino mineral por sua persistência no crime e terminam por entrar no reino mineral, para correr a sorte dos minerais.

Os processos geológicos e o tempo geológico são espantosamente lentos e dolorosos.

Raros são os seres humanos que resolvem libertar-se das 48, 24, 12 e 6 leis para entrar ao Absoluto.

A humanidade, em seu conjunto, prefere sempre passar das 48 para as 96 leis.

É mais fácil entrar no mundo das 96 leis do que se libertar das 48 e a humanidade prefere sempre o mais fácil.

A humanidade se encanta em ter coração de pedernal, coração de pedra, etc. A humanidade gosta de identificar-se com o reino mineral e compartilhar a sorte do mineral.

Todos os infernos religiosos são símbolos do reino mineral. Os infernos atômicos da natureza constituem o submundo mineral.

O normal, o natural, é que a humanidade em sua quase totalidade entre no reino mineral.

O estranho, o revolucionário, é que alguns se auto-realizem e depois de libertar-se de todas as leis entrem no Absoluto.

Libertar-se das 48 leis, das 24, das 12 e das 6 significa fazer tremendos super-esforços e as pessoas não gostam destes super-esforços.

A gente quer sempre o mais cômodo, o mais fácil, e por isso é que quase todos os seres humanos mais cedo ou mais tarde, deixam de nascer para entrar no submundo das 96 leis.

Só por meio da Revolução da Consciência podemos nos libertar das 48, 24, 12 e das 6 leis, porém a Revolução da Consciência não agrada às pessoas. Todo mundo prefere dançar, embebedar-se, fornicar, adulterar, conseguir muito dinheiro, etc., etc. Isto é mais cômodo para as pessoas que a Revolução da Consciência.

A Revolução da Consciência tem três fatores que não agradam as pessoas:

1º) Morrer.

2º) Nascer.

3º) Sacrifício pela humanidade.

As pessoas acham muito difícil isso. Raro é aquele que quer morrer, isto é, desintegrar seu querido Eu. Raro é aquele que de verdade se resolve a efetuar a conexão sexual sem ejaculação do sêmen com o propósito de fabricar o legítimo corpo astral, o autêntico mental e o verdadeiro causal, ou corpo da vontade consciente. Raro é aquele que está resolvido a sacrificar-se pela salvação do mundo.

As pessoas preferem gozar os prazeres da terra e entrar no submundo mineral para correr a sorte dos minerais; isso é mais fácil, mais cômodo, mais suave.

A Revolução da Consciência requer tremendos super-esforços e as pessoas não gostam de nada que as incomode.

CAPÍTULO 4 A MATERIALIDADE CÓSMICA

A ciência da música com a devida combinação científica e matemática das vibrações, atuando sobre a matéria-prima da Grande Obra, sobre o Ens Seminis caótico e pré-cósmico, origina sete ordens de mundos com sete estados de materialidade.

As escolas esotéricas ensinam que no mundo há sete planos de consciência cósmica.

Não podemos esquecer também que dentro do nosso mundo, sob a superfície da terra, existem sete regiões atômicas submersas, que são os infernos atômicos da natureza.

A Santa Heptaparaparshinokh (a Lei do Sete) é fundamental em todo o criado.

As vibrações sonoras de sete centros de gravidade deram origem a todos os processos Trogoautoegocráticos (alimentação recíproca de todo o existente). Tais processos vêm por último a dar cristalização a todas as concentrações de mundos.

A música, o verbo, origina as chamadas sucessões dos processos da fusão mútua das vibrações.

Graças a essa lei da mútua alimentação de todo o existente, sob o impulso científico das vibrações sonoras, umas vibrações fluem de outras e as substancias cósmicas de diferente densidade e vivificação unem-se e desunem-se entre elas, formando concentrações grandes e pequenas relativamente independentes, resultando de tudo isso o universo.

A primeira ordem de mundos é de uma materialidade muito espiritual e está no seio d'Aquilo que não tem nome.

A segunda ordem de mundos tem um tipo maior de materialidade. Na terceira ordem de mundos a materialidade aumenta e assim sucessivamente. Em cada uma das sete ordens há um escalonamento septenário da materialidade.

O mundo e o universo em geral está formado de vibrações e matérias. “Energia é igual à massa multiplicada pela velocidade da luz ao quadrado”. “A massa se transforma em energia, a energia se transforma em massa”.

A matéria acha-se em estado vibrante, a velocidade da vibração está em proporção inversa à densidade da matéria.

Cada átomo da primeira ordem de mundos só contém dentro de si mesmo um átomo do Absoluto e por isso a primeira ordem dos mundos é cem por cento espiritual.

Cada átomo da segunda ordem de mundos contém três átomos do Absoluto e por isso tem algo mais de materialidade, mas ainda é muito espiritual.

Cada átomo da terceira ordem de mundos contém dentro de si mesmo seis átomos do Absoluto, e é claro que a materialidade é ainda maior.

Cada átomo da quarta ordem de mundos contém dentro de si mesmo doze partículas primordiais, isto é, doze átomos do Absoluto e por isso é lógico dizer que a quarta ordem de mundos tem maior materialidade que as três ordens precedentes.

Cada átomo da quinta ordem de mundos tem dentro de si mesmo vinte e quatro átomos do Absoluto e por isso é claro que a materialidade é ainda maior.

Nós, pobres animais intelectuais condenados por desgraça à pena de viver, temos realmente a má sorte de existir neste afastado e obscuro rincão do universo que pertence a uma sexta ordem de mundos.

Cada átomo de nosso mundo de quarenta e oito leis contém, dentro de si mesmo, quarenta e oito átomos do Absoluto.

A materialidade de nosso mundo é horrível e tudo o que se consegue com suprema facilidade nos mundos 6, 12 ou 3, aqui só se consegue sangrando e com sofrimentos indizíveis.

Abaixo de nós está o submundo onde a materialidade é espantosamente horrível.

A primeira região do abismo tem átomos que contêm, cada um dentro de si mesmo, nada menos que 96 leis, noventa e seis partículas primárias, noventa e seis átomos do absoluto.

Na segunda região do reino mineral cada átomo tem cento e noventa e dois átomos do Absoluto e assim sucessivamente.

O reino mineral é pois espantosamente materialista e por isso a vida debaixo da terra é realmente um inferno. Contudo é bom esclarecer que o inferno tem sua missão, é o crematório cósmico e por isso se torna necessário.

Alguém, cujo nome não menciono, disse: “Inferno vem da palavra latina infernus, região inferior e por isso o inferno é este mundo em que vivemos”.

Esse alguém se equivocou por que esta região celular em que vivemos não é a região inferior.

Vivemos na sexta ordem de mundos governados por quarenta e oito leis e o inferior é o sétimo, de acordo com a Lei do Sete. Já sabemos que o sétimo mundo é o submundo cuja primeira região está governada por 96 leis.

O inferno não é um lugar com chamas, o inferno é o submundo, contudo é lógico dizer que no submundo ardem as chamas das paixões.

Todos os infernos religiosos são unicamente símbolos do submundo. O tempo no reino mineral é tempo das rochas, tempo espantosamente lento e terrivelmente tedioso.

Cada pequeno acontecimento no submundo equivale a oitenta, oitocentos, oito mil e a oitenta mil anos.

Os perdidos da antiga Terra-Lua chamados Lúciferes, Ahrimanes ou Anagarikas de turbante vermelho, ainda vivem nesse reino mineral submerso e acham que vão muito bem, que estão progredindo.

Os perdidos sempre acham que vão muito bem e estão cheios de muito boas intenções.

CAPÍTULO 5 A NATUREZA

O pobre animal intelectual, falsamente chamado homem, pode desenvolver todas suas ocultas possibilidades se o quiser, porém, o desenvolvimento de todas essas possibilidades realmente não é uma lei.

A lei, para o homem-máquina, é: nascer, crescer, reproduzir-se e morrer dentro do círculo vicioso das leis mecânicas da natureza.

Jesus, o Cristo, disse o seguinte:

“Esforçai-vos em entrar pela porta estreita, porque vos digo que muitos procurarão entrar e não poderão”.

Estreita é a porta e apertado o caminho que conduz ao desenvolvimento de todas as possibilidades do homem, porém muito poucos são os que encontram essa porta e esse caminho.

O caminho que conduz ao desenvolvimento de todas as ocultas possibilidades do homem vai, de fato, contra a natureza, contra o cosmos, contra a vida social comum e corrente, contra si mesmo, contra tudo e contra todos.

Isto explica porque o caminho é tão difícil e exclusivista, por isso é chamado a Senda do Fio da Navalha.

Este é um caminho muito amargo, mais amargo que o fel; é o oposto à vida corrente, à vida de todos os dias. Baseia-se em outra classe de princípios, está submetido à outra leis.

O pobre animal intelectual, equivocadamente chamado homem, pode desenvolver todas suas possibilidades se assim o quiser, mas também podem essas possibilidades ficar sem desenvolvimento algum e até podem perder-se totalmente.

Muitos pseudo-esoteristas e pseudo-ocultistas supõem, equivocadamente, que tais possibilidades podem desenvolver-se mediante a sábia lei da evolução, porém esse conceito é totalmente falso porque nenhuma mecânica pode desenvolver todas as nossas possibilidades latentes.

A Auto-Realização Íntima do homem não é jamais o produto de nenhuma mecânica, mas é o resultado de um trabalho consciente, feito com suma paciência e dor, por nós mesmos e dentro de nós mesmos.

Só mediante sucessivos e ininterruptos trabalhos auto-conscientes dentro de nós mesmos, podemos desenvolver todas as nossas ocultas possibilidades.

A lei da evolução e progresso e a lei da involução e retrocesso são duas leis mecânicas que trabalham em forma harmoniosa e coordenada em toda natureza.

Tudo evolui e involui, avança e retrocede. Existe evolução em todos os organismos que nascem e se desenvolvem. Existe involução em todos os organismos que envelhecem e morrem.

Na vida ordinária de todos os dias, com todas suas escolas pseudo-esotéricas, pseudo-ocultistas, espiritualistas, científicas, etc., não existe nada que tenha todas as possibilidades do Caminho e, tarde ou cedo, só podem conduzir-nos à morte, não podem levar-nos a nenhuma outra coisa.

A Senda do Fio da Navalha está cheia de perigos por dentro e por fora. É muito raro aquele que encontra o caminho, porém, mais raro ainda é achar alguém que não abandone o caminho e chegue à meta.

No mundo existem muitas escolas pseudo-esotéricas, pseudo-ocultistas com muito boas intenções e preciosos estudos que a ninguém prejudicam e a todos beneficiam, porém esse não é o caminho.

Certamente, o caminho é demasiado oculto, os pseudo-esoteristas, pseudo-ocultistas e membros de muitas irmandades muito bonitas aborrecem o caminho e qualificam-no de magia negra.

A evolução mecânica do animal intelectual, equivocadamente chamado homem, é necessária para a natureza até certo ponto muito bem definido, mas além de tal ponto, a evolução mecânica do bípede humano se torna não somente desnecessária para a natureza, mas também prejudicial para ela.

Os processos evolutivos e involutivos da humanidade se correspondem com os períodos de evolução e involução dos planetas no espaço.

Falando essencialmente, diremos que, em realidade, a humanidade não evolui. Produzem-se muitas modificações na periferia da consciência humana, porém nenhuma no centro da consciência humana.

As multidões que aplaudiam a Nero e pediam a crucificação do Cristo Jesus, as multidões que gozavam apedrejando os profetas, são as mesmas. Apenas mudaram de corpos e de costumes. A essência permanece a mesma, não progrediu.

Os planetas produzem mudanças às vezes evolutivas, às vezes involutivas, na periferia do animal intelectual; caem e se levantam novas civilizações, porém a alma, a essência, permanece a mesma, não progrediu.

Este triste formigueiro humano vive sobre a superfície da terra para cumprir com os propósitos da natureza. A terra não desperdiça nada porque quer viver e utiliza igualmente tanto os produtos da evolução como os da degeneração, mesmo quando em cada caso os propósitos sejam totalmente diferentes.

O animal intelectual pode converter-se em homem de verdade mediante a Auto-Realização Íntima, porém a auto-realização de todas as massas humanas não somente é algo impossível, como também prejudicial para o planeta em que vivemos.

A natureza não necessita da auto-realização íntima do homem. Isto é até contrário a seus próprios interesses. Por esse motivo existem determinadas forças muito especiais, infelizmente negras, que se opõem à auto-realização íntima das multidões humanas.

A vida da humanidade dividiu-se em duas correntes desde a época da famosa civilização Tikliamishniana, que existiu muitos séculos antes de que nascesse a Babilônia.

O evangelho cristão nos fala dos dois rebanhos: o rebanho das ovelhas e o rebanho dos cabritos. Não há dúvida alguma de que a quase totalidade dos seres humanos que povoam a terra pertence, de fato e por direito próprio, ao reino dos cabritos.

A natureza devora seus próprios filhos, a natureza come seus cabritos que são tão numerosos como as areias do mar.

A vida humana na terra flui em duas correntes: a das ovelhas e a dos cabritos.

O homem que possui realmente e de verdade o Ser, o Íntimo, segue a corrente do rio da vida.

O homem que não possui o Ser segue a corrente do rio tenebroso da morte.

O rio da vida perde-se no oceano do Espírito Universal de Vida.

O rio da morte perde-se entre as gretas das regiões profundas da terra.

A terra necessita de alimento e o rio da morte o leva em suas águas negras.

Não poderia existir a “construção involutiva” que tem lugar no interior do planeta Terra, sem a atividade dos homens com pele de cabrito que entram no mundo subterrâneo.

Por trás de todo esse mecanismo vital do mundo, detrás de todos esses processos químicos que estruturam a dura rocha, está a psique coletiva dos homens com pele de cabrito.

Os tenebrosos dão consistência física ao ferro, à pedra e ao granito.

Se por qualquer procedimento extraíssemos do inferno (reino mineral) todos os tenebrosos que o habitam, a dura rocha perderia sua consistência, sua dureza e tornar-se-ia plástica e inútil; então seu final seria um fato inevitável.

A primeira libertação do homem consiste precisamente nessa possibilidade de passar da corrente tenebrosa que está predestinada a desaparecer entre as profundidades da terra, à corrente luminosa que deve desembocar no oceano da grande luz.

Não é fácil passar da corrente negra à corrente branca.

Para essa passagem é urgente renunciar a tudo aquilo que nos agrada e parece uma bênção, a tudo que nos parece muito romântico e precioso, etc.

É necessário morrer para o mundo, dissolver o Eu, abandonar aquilo que tenha sabor de delícias e paixões, etc.

É necessário nascer e este é um trabalho com o grão, com a semente, um problema sexual.

É indispensável amar aos nossos semelhantes e sacrificarmo-nos totalmente por eles.

O caminho é mais amargo que o fel e não convém à natureza porque é contrário aos seus desígnios.

O reino mineral (inferno) alimenta-se com a humanidade. A humanidade é parte da vida orgânica da terra, o alimento da terra. Se toda a humanidade se auto-realizasse, seria fatal para o reino mineral.

A natureza opõe-se à auto-realização íntima do homem porque isso é contrário aos seus próprios interesses. O normal, o natural, é que o reino mineral devore toda a humanidade.

Jesus, o Cristo, disse: *“De mil que me buscam, um me encontra, de mil que me encontram, um me segue, e de mil que me seguem, um é meu”*.

CAPÍTULO 6 A REVOLUÇÃO DA CONSCIÊNCIA

A revolução da consciência é o quinto evangelho. Nós necessitamos com urgência de uma mudança radical, total e definitiva e isto só é possível mediante a revolução da consciência.

A auto-realização íntima só é possível em indivíduos isolados, com ajuda de conhecimentos e métodos adequados.

Semelhante revolução íntima pode ocorrer somente dentro do indivíduo e está de fato contra os interesses da natureza.

O desenvolvimento de todas as possibilidades ocultas no animal intelectual não é necessário, senão única e exclusivamente para o mesmo. Nem a natureza nem a ninguém interessa o desenvolvimento de tais possibilidades individuais.

O mais grave de tudo isto é saber que ninguém tem obrigação de ajudar o indivíduo revolucionário. Ninguém tem a mais leve intenção de ajudar um revolucionário desta classe. Está-se completamente só e se um Mestre revolucionário resolve orientar-nos, é realmente haver tido muita sorte.

As forças tenebrosas que se opõem resolutamente à auto-realização íntima das grandes massas humanas, também se opõem resolutamente e até em forma violenta à auto-realização íntima do indivíduo.

Todo homem revolucionário tem que ser suficientemente astuto para enganar as forças tenebrosas, mas as massas humanas desgraçadamente não podem fazê-lo. Só o indivíduo revolucionário pode ser engenhoso o bastante para ser mais esperto que estas forças tenebrosas.

Não existe auto-realização obrigatória nem mecânica. A Auto-Realização Íntima do homem é o resultado da luta consciente. A natureza não necessita da Auto-Realização Íntima do ser humano, não a quer, a aborrece e luta contra ela com as melhores armas.

A Auto-Realização Íntima só pode ser uma necessidade urgente para o indivíduo revolucionário, quando este se dá plena conta de sua horrenda situação e da abominável sorte que lhe espera, que é a de ser tragado vorazmente pelo reino mineral.

A revolução da consciência só é possível no sentido de ganhar, de conquistar nossas próprias possibilidades latentes, nossos próprios tesouros escondidos.

Se toda a espécie humana quisesse obter o que lhe corresponde por direito próprio, a auto-realização íntima tornar-se-ia impossível, porque o que é possível para o indivíduo revolucionário, é impossível para as massas.

A vantagem que tem o revolucionário separado, é que realmente é demasiadamente insignificante e para os fins da grande natureza não tem a menor importância a existência de uma máquina a mais ou a menos.

Se uma célula microscópica de nosso corpo se revoluciona contra nós, isso não tem a menor importância; porém, se todas as células de nosso corpo se revolucionam, então sim a coisa é grave e vamos à procura do médico e combatemos tal revolução com todas as armas da ciência.

Ocorre exatamente o mesmo com o indivíduo isolado, pois é demasiado pequeno para conseguir influenciar a vida total do organismo planetário no qual vivemos, movemos e temos o nosso ser.

Aqueles que afirmam que todos os seres humanos chegarão cedo ou tarde à auto-realização íntima mediante a evolução da natureza, são uns tremendos mentirosos, uns farsantes, uns embusteiros, porque jamais existiu nem nunca existirá auto-realização mecânica.

A auto-realização íntima é a revolução da consciência e esta jamais pode revolucionar-se inconscientemente.

A revolução do homem é a revolução de sua vontade e jamais poderia ser uma revolução involuntária de tipo mecânico.

A auto-realização íntima é o resultado de supremos auto-esforços, voluntários e perfeitamente auto-conscientes.

A auto-realização íntima exige tremendos super-esforços individuais e estes só são possíveis mediante a revolução da consciência.

Jesus, o Cristo, jamais prometeu o reino a todos os seres humanos. Jesus faz ênfase na dificuldade para entrarmos no reino.

“Árvore que não dá fruto, será cortada e lançada ao fogo”. “Muitos são os chamados e poucos os escolhidos”. “O reino dos céus é semelhante a uma rede que, lançada ao mar, recolhe toda classe de peixes e, uma vez cheia, atiram-na à praia; e sentados, recolhem o bom em cestas, e o mau lançam fora”.

Assim será o fim do ciclo, sairão os anjos e apartarão aos maus dentre os justos, e os lançarão dentro do forno de fogo (o reino mineral). Ali haverá o choro e o ranger de dentes.

Só o homem verdadeiramente revolucionário pode entrar no Reino da Magia Branca, no Reino do Esoterismo, no Magis Regnum, Regnum Dei.

Jesus disse: “O reino dos céus se toma por assalto, os valentes o têm tomado”.

O normal, o natural, é que a raça de animais intelectuais, falsamente chamados homens, caia no abismo, que seja devorada por Ammit, o “devorador dos mortos”, cujas mandíbulas de crocodilo são uma pré-figuração de todas as bocas do inferno da Idade Média.

Este monstro abominável (símbolo do reino mineral com suas sete regiões atômicas submersas), em parte réptil, em parte leão e em parte hipopótamo, que surge, segundo o dizer dos egípcios, de um lago de fogo ardente, é o devorador de corações, o devorador dos “não vingados”, e para os egípcios simbolizava uma espécie de terrível abutre cósmico, cujas funções eram consumir os detritos ou despojos da humanidade.

Não é raro que alguém entre no reino mineral, isso é o normal e o reino mineral necessita disso para seu alimento psíquico. O que sim é raro é que alguém entre no reino da alta magia, porque em dito reino só entram os revolucionários da consciência, ardentes como o fogo.

CAPÍTULO 7 OS TRÊS FATORES

Os três fatores da revolução da consciência, são os seguintes: Primeiro, Nascer; Segundo, Morrer; Terceiro, Sacrifício pela humanidade.

Torna-se totalmente impossível celebrar o natal do coração se não nasce em nós o Cristo.

Quem quiser celebrar com júbilo o natal do coração, deve fabricar os Corpos Existenciais Superiores do Ser.

Só fabricando os Corpos Existenciais Superiores do Ser podemos encarnar o Cristo íntimo.

Já em todas nossas passadas mensagens dissemos que os atuais corpos internos mencionados pelas escolas pseudo-esotéricas e pseudo-ocultistas, não servem para nossa auto-realização íntima porque são corpos lunares .

Nós necessitamos, com urgência, fabricar os corpos solares, os Corpos Existenciais Superiores do Ser.

A fabricação desses corpos solares só é possível praticando o Maithuna (Magia Sexual), com o objetivo de transmutar o famoso hidrogênio sexual (Si-12).

Só com o hidrogênio sexual Si-12 podemos fabricar os Corpos Existenciais Superiores do Ser.

É totalmente impossível encarnar o Ser se não possuímos os corpos solares.

É absolutamente impossível possuir os corpos solares se não os fabricarmos por meio do Maithuna.

A chave do Maithuna já demos muitíssimas vezes, porém temos que repetí-la para aqueles que não a conhecem: conexão sexual do Lingam-Yoni sem derramar jamais o Ens-seminis e isto durante toda a vida.

Muito temos esclarecido, muito temos dito também em passadas mensagens sobre a necessidade de sabermos morrer.

É urgente a morte mística, a morte do Eu, do Mim mesmo, do Si mesmo. Temos explicado bastante que o Eu é legião de diabos.

É urgente desintegrar esse Eu, reduzi-lo a pó com o único propósito de que dentro de nós só exista o Ser.

É claro que, para desintegrar o Eu, necessita-se de uma ética revolucionária baseada na psicologia.

Nós temos ensinado essa ética, nós ensinamos essa psicologia. A dissolução do Eu é revolução radical, total e definitiva.

O terceiro fator da revolução da consciência consiste em sacrificar-se pela humanidade, em mostrar o caminho a outros; isso é caridade bem entendida, isso é amor.

Muito temos explicado e muito temos dito em nossas passadas mensagens sobre os três fatores básicos da revolução da consciência, porém as pessoas são túbias e Cristo disse: *“Sede frios ou quentes, porém não mornos porque os mornos serão vomitados de minha boca.*

Os pseudo-esoteristas e pseudo-ocultistas reagem ante os três fatores de nosso Quinto Evangelho, cada qual segundo sua idade, condicionamento mental, preconceitos, paixões, debilidades, etc.

As pessoas cheias de potência sexual preferem começar o trabalho com o Maithuna, porém deixam no esquecimento a morte do Eu e o sacrifício pela humanidade.

Os pobres velhos decrepitos, anciãos e anciãs, assim como os enfermos, os impotentes, preferem começar o trabalho com a dissolução do Eu; porém, cometem o erro de confundir nossa Ética Revolucionária com essa falsa moral morna, subjetiva e insípida, incoerente, absurda, tão alardeada por todos os irmãozinhos das diferentes escolas pseudo-esoteristas e pseudo-ocultistas.

Por último, existem alguns irmãozinhos das escolas acima citadas, que preferem começar o trabalho sacrificando-se pela Humanidade, fazendo algo por seus semelhantes, porém cometem o erro de esquecer a dissolução do Eu e o Maithuna (Magia Sexual).

Existem também muitíssimos casos de pessoas sexualmente potentes e cheias de vida, que preferem começar o trabalho com a dissolução do Eu, porém não são revolucionárias. Querem dissolver o Eu com essa falsa moral dos mentecaptos, com essa moral antiquada anteriormente citada e que existe em abundância, como já dissemos, entre os irmãozinhos de todas as escolas pseudo-esotéricas e pseudo-ocultistas.

Estas pessoas geralmente costumam dizer, com certo ar de santarronice: “a primeira coisa que necessitamos é a Moral, porque sem esta não há nada; tudo o mais que venha depois”. Assim se escapam, fugindo para refugiar-se nessa inércia pesada e horrível da “Falsa Moral”.

É claro que toda essa gente fracassa inevitavelmente e ainda quando tenham neste mundo milhões de vidas, finalmente deixam de nascer para entrar no Reino Mineral.

O abismo está cheio de equivocados sinceros e de pessoas cheias de muito boas intenções.

É correto que um ancião impotente adie o Maithuna para a sua futura vida e que comece o trabalho dissolvendo o Eu, porém, não é correto querer dissolver o Eu à base de santarronice.

É correto que as pessoas cheias de potência sexual comecem agora mesmo a trabalhar com Maithuna para fabricar seus corpos solares, porém, não é correto que estas pessoas não se preocupem pela Dissolução do Eu nem pelo Sacrifício pela Humanidade.

É correto que nos sacrifiquemos pela Humanidade, porém, não é correto esquecer a dissolução do Eu e a fabricação dos Corpos Existenciais Superiores do Ser.

A Auto Realização Íntima só é possível trabalhando com os Três Fatores Básicos da Revolução da Consciência.

CAPÍTULO 8 O ABUSO SEXUAL

É urgente que compreendamos em forma íntegra a necessidade de libertar-nos deste Mundo de 48 leis em que vivemos, se é que não queremos nos degenerar para cair no Mundo horroroso das 96 Leis.

O estudo das 48 Leis em que vivemos é realmente em estudo muito profundo. Se quisermos nos libertar das 48 Leis devemos estudá-las em nós mesmos.

A princípio compreenderemos que estamos controlados por inumeráveis leis criadas por nós mesmos e pelas pessoas que nos rodeiam. Depois compreenderemos que estamos escravizados por estas leis.

Quando começamos a nos libertar de todas essas leis aborrecedoras criadas pela sociedade, é claro que nossos semelhantes convertem-se em nossos inimigos, porque já não coincidimos com eles na forma equivocada de pensar, sentir e agir.

A Revolução da Consciência é terrível e nossos semelhantes odeiam-na mortalmente em forma instintiva, pois não a conhecem.

Fazer regressar a Energia Sexual para dentro e para cima, dissolver o Eu e dar a vida pelos outros é algo estranho e exótico para os cabritos; eles são tão numerosos como as areias do mar e vivem conosco.

A Revolução da Consciência é impossível para os abusadores do sexo e os homens com pele de cabrito não estão dispostos a deixar seus abusos sexuais.

A máquina humana tem sete centros, cinco inferiores e dois superiores; mas as pessoas nem sequer suspeitam disso.

Vamos estudar os cinco centros inferiores: O primeiro é o Centro Intelectual. O segundo é o Centro Emocional. O terceiro é o Centro do Movimento. O quarto é o Centro do Instinto. O quinto é o Centro do Sexo.

Não cabe dúvida alguma de que o sexo é o centro de gravidade de todas as atividades humanas.

As pessoas vão à Igreja movidas pelo sexo, reúnem-se nos cafés movidas pelo sexo, dançam movidas pelo sexo.

Quando o homem encontra sua companheira e ambos se unem sexualmente, a sociedade começou.

A mecanicidade do sexo é espantosa e o animal intelectual não quer compreender isso.

Quando nos tornamos conscientes do sexo e suas funções, quando trabalhamos com Maithuna (Magia Sexual), a mecanicidade desaparece e entramos pelo caminho da regeneração sexual.

O sexo tem o maior poder de escravidão e o maior poder de libertação total. O Novo Nascimento do qual Jesus falou a Nicodemos depende totalmente do sexo.

O anjo interno deve nascer do sexo e só com o Maithuna podemos lográ-lo. Se queremos o Natal verdadeiro necessitamos que o Menino Deus de Belém nasça dentro de nós e isso é possível com o Maithuna (magia sexual).

O maravilhoso Hidrogênio Si-12 é a matéria com a qual trabalha o sexo e que o sexo fabrica. É semente, a semente dentro da qual se acha em estado latente o anjo interno.

Já explicamos que com a transmutação do Hidrogênio Si-12 podemos fabricar o verdadeiro corpo astral, o verdadeiro corpo mental e o legítimo corpo causal. Em nossas passadas mensagens já falamos muito claro sobre tudo isso.

Nenhum abusador do sexo pode fabricar ao Corpos Existenciais Superiores do Ser e por isso esses infelizes continuam depois da morte com os veículos lunares.

É impossível que alguém que possua os corpos lunares possa libertar-se das 48 leis.

Só fabricando os corpos solares, os Corpos Existenciais Superiores do Ser, podemos nos libertar das 48 leis.

Existe abuso sexual na ação do sexo através dos outros centros da máquina humana ou na ação dos outros centros através do centro sexual.

Cada centro da máquina deve funcionar com sua própria energia, porém desgraçadamente os outros centros da máquina roubam a energia do sexo.

Quando os centros intelectual, emocional, do movimento e do instinto roubam a energia sexual, existe então abuso sexual.

O que é mais grave de tudo isso é que o centro do sexo tem, por sua vez, que roubar energia dos outros centros com o propósito de poder trabalhar. Tudo isso é abuso sexual.

Quando o sexo trabalha com seu próprio hidrogênio Si-12, pode-se então transmutar para fabricar os Corpos Existenciais Superiores do Ser.

Infelizmente as pessoas abusam da energia sexual, gostam da desordem e de malgastar o hidrogênio Si-12.

É fácil descobrir o abuso sexual nas pessoas. Quando há abuso sexual, o intelecto, a emoção, o movimento e o instinto, têm um certo “sabor” especial, certo matiz inconfundível, certo apaixonamento, certa veemência que não deixa lugar a nenhuma dúvida.

Pode-se ver tudo isto nos planos mentais dos senhores da guerra, nas touradas de “Manolete”; nos esforços apaixonados dos futebolistas em uma olimpíada; nos violentos instintos passionais das pessoas.

Onde quer que haja esbanjamento de intelecto diabólico, emoções violentas, movimentos passionais, corridas apaixonantes de automóveis, cavalos e bicicletas, jogos olímpicos, etc., ou também instintos bestiais em ação, é claro que existe então abuso sexual.

O que é mais grave de todo esse abuso é que o centro do sexo se vê então obrigado a trabalhar com hidrogênios mais pesados, que correspondem aos outros centros.

Quando o sexo se vê obrigado a trabalhar com hidrogênios como o 48, o 24, etc., é impossível então fabricar os Corpos Existenciais Superiores do Ser.

Aqueles que gozam com filmes novelas e pinturas pornográficas utilizam a energia sexual no centro pensante e é claro que ficam com a tendência a satisfazer-se unicamente com fantasia sexual e, cedo ou tarde, adquirem a impotência do tipo psico-sexual, a daqueles que, quando de verdade vão efetuar o ato sexual, fracassam lamentavelmente.

Quando o centro emocional rouba a energia sexual, vêm então os sentimentalismos estúpidos, os ciúmes, a crueldade, etc., etc.

Quando o centro do movimento trabalha com o hidrogênio Si-12 roubado do sexo, aparecem os abusadores do centro do movimento, os jogadores de futebol, os acrobatas do circo, os ciclistas das grandes corridas, etc.

Quando o centro do instinto rouba a energia sexual, há então esbanjamento em atos instintivos, passionais, violentos.

O abuso sexual termina de verdade quando estabelecemos dentro de nós mesmos um centro de gravidade permanente.

Já o dissemos e tornamos a repetir que o Eu é legião de diabos. O Eu existe em forma pluralizada. Os cinco cilindros da máquina humana dão origem e força às legiões de pequenos Eus, que, em seu conjunto, constituem isso que se chama Ego, o Eu, o Mim mesmo.

O Eu pluralizado gasta torpemente a essência que temos dentro de nós para fabricar Alma.

Quando dissolvemos o Eu pluralizado, termina o gastador e então a essência acumula-se dentro de nós mesmos, convertendo-se em um centro de gravidade permanente.

Quando estabelecemos dentro de nós mesmos um centro de gravidade permanente, o sexo vem a trabalhar com sua própria energia, com seu próprio hidrogênio, o hidrogênio Si-12.

O esoterismo gnóstico ensina que quando o sexo trabalha com sua própria energia, com seu próprio hidrogênio, termina o abuso sexual porque cada centro vem então a trabalhar com a energia que lhe corresponde, com o hidrogênio correspondente e não com o hidrogênio Si-12, roubado do sexo.

É necessário dissolver o Eu se quisermos que termine o abuso sexual.

Muitos iniciados, no passado, dissolveram o Eu em parte, e, graças a isso, fabricaram os Corpos Existenciais Superiores do Ser. Desgraçadamente muitos logo esqueceram a necessidade de desintegrar o Eu totalmente, em forma radical. O resultado de semelhante esquecimento foi um novo robustecimento do Eu pluralizado.

Iniciados de semelhante classe converteram-se em hanasmussianos com duplo centro de gravidade.

Esta classe de sujeitos tem, nos mundos internos, dupla personalidade; uma branca e outra negra. Um exemplo é Andramelek. Quando invocamos este mago no mundo molecular, pode vir a nós um grande Adepto da Loja Branca ou também um grande Adepto da Loja Negra. São dois adeptos, e, não obstante, um mesmo indivíduo.

Andramelek é um hanasmussiano com duplo centro de gravidade. É mago branco e negro ao mesmo tempo.

Quem quiser de verdade não correr a horrível sorte de Andramelek tem que trabalhar intensivamente com os três fatores básicos da Revolução da Consciência.

Quem quiser se libertar das 48 leis deve acabar com o abuso sexual.

Quem quiser acabar com o abuso sexual deve aniquilar o Eu, reduzi-lo a pó.

É urgente estabelecer um completo equilíbrio de todos os cinco centros da máquina e isto só é possível dissolvendo o Eu.

CAPÍTULO 9 O EU E O SER

Em matéria de psicologia devemos fazer uma diferenciação exata entre o Eu e o Ser.

O Eu não é o Ser nem o Ser é o Eu. Todo mundo diz: meu ser, pensa em seu ser, porém não sabe que coisa é o Ser e o confunde com o Eu.

Quando batemos em uma porta, alguém pergunta: “quem bate?” Nós respondemos sempre dizendo: “sou eu!” Nisto não cometemos erro e a resposta é exata. Porém, quando dizemos: “todo o meu ser está triste, enfermo, abatido, etc.”, então sim, erramos torpemente porque o pobre animal intelectual, falsamente chamado homem, ainda não possui o Ser.

Só o Ser pode fazer e o homem-máquina, o pobre animal intelectual, não é capaz de fazer nada. Tudo lhe sucede, é um simples joguete mecânico movido por forças que desconhece.

O animal intelectual tem a ilusão de que faz; porém, em verdade, nada faz. Tudo sucede através dele.

Se nos agridem, reagimos agredindo. Apressam-nos pelo pagamento do aluguel da casa e reagimos buscando dinheiro com ansiedade. Alguém nos fere o amor próprio e reagimos cometendo loucuras, etc.

O pobre animal intelectual é sempre vítima das circunstâncias. Não é capaz de originar conscientemente as circunstâncias, porém crê equivocadamente que as origina.

Realmente só o Ser (o Íntimo), pode determinar conscientemente as circunstâncias; porém por desgraça, o animal intelectual falsamente chamado homem ainda não possui o Ser (o Íntimo).

Muitos estudantes de escolas pseudo-esotéricas e pseudo-ocultistas, cheios de refinadas ambições metafísicas, cometem o erro de dividir seu querido Eu em duas metades arbitrárias e absurdas.

Qualificam a primeira metade de Eu superior e olham depreciativamente à segunda metade, dizendo: “esse é o Eu inferior”.

O mais curioso de tudo isto, o mais cômico e trágico ao mesmo tempo, é ver esse desgraçado Eu inferior lutando desesperadamente para evoluir e aperfeiçoar-se para conseguir algum dia a ansiada união com o Eu superior.

É ridícula a pobre mente do animal intelectual fabricando o Eu superior, conferindo-lhe atributos divinos dando-lhe poderes extraordinários para controlar a mente e o coração.

O próprio Eu dividindo-se em dois, o próprio Eu querendo mesclar-se depois de haver se dividido em dois, o próprio Eu separando-se e querendo juntar-se novamente.

As ambições do Eu não têm limites. O Eu quer e deseja fazer-se mestre, deva, Deus, etc.

O Eu divide-se em dois para tornar a juntar-se e ser Um. Assim crê equivocadamente o Eu que pode ver coroadas de êxito suas ambições super-divinas.

Todas estas tretas do Eu são finos enganos da mente, tontices sem valor algum.

A mente fabrica o cômico Eu superior a seu gosto, veste-o de Mahatma, lhe põe sonoro nome e logo se auto-engrandece caindo na mitomania.

Conhecemos o caso de um mitômano que deixou crescer a barba e o cabelo, vestiu-se com uma túnica jesuscristiana e disse a todo mundo que ele era nada menos que a própria reencarnação de Jesus Cristo.

Naturalmente, foram muitos os imbecis que não somente o adoraram, como continuam o adorando.

A mente, ao ter o mau gosto de criar o Eu superior como um ente separado e super-divino, costuma falsear a realidade supondo equivocadamente que dito ente é o Ser, o Íntimo, o Real.

A mente quer arbitrariamente que o Eu superior fabricado por ela seja o Ser, o Íntimo e lhe atribui estupidamente coisas fabricadas por ela, coisas que nada tem que ver com o Ser.

Estas tontices da mente são parecidíssimas com a falsificação do moedas. A mente forja um falso Ser, cuja nota falsa é o Eu superior.

Os mitômanos tem um amor próprio terrível e espantoso. Valorizam muito a si mesmos. Adoram sua nota falsa, seu tão cacarejado Eu superior.

Todo mitômano é um psicopata ridículo. Todo mitômano se superestima de maneira exagerada e se auto-considera todo um Deus que as pessoas estão obrigadas a adorar.

Nem todos que fabricam para si mesmos um Eu superior caem na mitomania. São abundantes os fanáticos que não são mitômanos e só aspiram evoluir para chegar à união com o Eu superior.

Esses fanáticos não comem sequer um pedaço de carne, nem tomam um só copo de vinho e criticam espantosamente todo aquele que coma um pedacinho de carne e tenha um copo de vinho em sua mão pronto para fazer um brinde.

Esses fanáticos são insuportáveis. Comumente são vegetarianos cem por cento, acham-se santos; porém em casa são cruéis com a mulher, com os filhos, com a família, etc.

Essas pessoas gostam de fornicar, adulterar, cobiçar, ambicionar, porém se acham muito santas.

A mente só serve de estorvo ao Ser, ao Íntimo; nada sabe sobre o real. Se o pensamento conhecesse o real, o Íntimo, o Ser, todas as pessoas seriam compreensivas.

Só através da meditação profunda podemos experimentar o Ser, o Íntimo.

A experiência do Ser (o Íntimo), nos transforma radicalmente. Os mitômanos costumam falsificar esta experiência com auto-projeções mentais inconscientes, que logo procuram relatar a todo mundo.

Os mitômanos costumam ser vítimas dos auto-enganos e, crendo-se deuses, aspiram ser adorados por todo mundo.

É completamente impossível experimentar o Ser, o Íntimo, o Real, sem haver chegado a ser verdadeiros mestres técnicos e científicos dessa ciência misteriosa chamada meditação.

É completamente impossível experimentar o Ser, o Íntimo, o Real, sem haver chegado a uma verdadeira maestria nisso da quietude e silêncio da mente.

Contudo, não devemos auto-enganar-nos e confundir gato com lebre. O Eu também ambiciona e cobiça esses silêncios e até os fabrica para si mesmo artificialmente.

Durante a meditação profunda necessitamos de quietude e silêncio total da mente, mas não necessitamos dessa quietude e desse silêncio falsos, fabricados pelo Eu. Não devemos esquecer que o Diabo rezando missa pode enganar às pessoas mais astutas.

É lógico dizer que se queremos silenciar a mente à força, na marra, se queremos aquietá-la torturando-a e amarrando-a, motivados pela cobiça de experimentar o Ser, o Íntimo, só conseguiremos silêncios artificiais e quietudes arbitrárias produzidas pelo Eu.

Quem quiser verdadeiramente um legítimo silêncio e não um falso silêncio, uma verdadeira quietude e não uma falsa quietude, o melhor que deve fazer é ser íntegro, não cometer o erro de dividir a si mesmo entre sujeito e objeto, pensador e pensamento, Eu e não Eu, controlador e controlado, Eu superior e Eu inferior, eu e meu pensamento, etc.

Saber meditar é estar de verdade no caminho da iluminação interior. Se quisermos aprender a meditar devemos compreender que não existe diferença alguma entre Eu e meu pensamento, isto é: entre pensador e pensamento.

A mente humana não é o cérebro. O cérebro está feito para elaborar o pensamento, porém não é o pensamento. A mente é energética e sutil, mas nós cometemos o erro de auto-dividir-nos em milhares de pequenos fragmentos mentais que, em seu conjunto, compõem isso que é a legião do Eu pluralizado.

Quando tratamos de unir todos estes fragmentos mentais durante a meditação com o são propósito de sermos íntegros, então todos esses fragmentos formam outro grande fragmento com o qual temos que lutar, tornando-se então impossível a quietude e o silêncio da mente.

Não devemos nos dividir durante a meditação entre Eu superior e Eu inferior, eu e meus pensamentos, minha mente e eu, porque a mente e o Eu, meus pensamentos e Eu, são um só; o Ego, o Eu pluralizado, o si mesmo, etc.

Quando compreendemos de verdade que o tal Eu superior e o Eu inferior, assim como meus pensamentos e eu, etc., são todo o Ego, o mim mesmo, é claro que por compreensão total nos libertamos do pensamento dualista, a mente fica quieta de verdade e em profundo silêncio.

Só quando a mente está quieta realmente, só quando a mente está em verdadeiro silêncio, podemos experimentar isso que é a realidade, isso que é o Ser autêntico, o Íntimo.

Enquanto a mente estiver engarrafada no dualismo, é totalmente impossível sermos íntegros.

A essência da mente (o buddhata) é preciosíssima, porém desgraçadamente está engarrafada no batalhar das antíteses.

Quando a essência da mente durante a meditação se escapa da garrafa dos opostos, podemos experimentar o Real, o Ser, o Íntimo.

Há dualismo quando Eu trato de reunir todos os fragmentos de minha mente em um só.

Há dualismo quando minha mente é escrava do bem e do mal, do frio e do calor, do grande e do pequeno, do agradável e do desagradável, do sim e do não, etc.

Há dualismo quando nos dividimos entre Eu superior e Eu inferior e aspiramos que o Eu superior nos controle durante a meditação.

Quem alguma vez experimentou o Ser durante a meditação, fica curado para sempre do perigo de cair na mitomania.

O Ser, o Íntimo, o Real, é totalmente distinto disso que os pseudo-esoteristas e pseudo-ocultistas chamam de Eu superior ou Eu divino.

A experiência do Real é completamente diferente, distinta de tudo aquilo que a mente experimentou alguma vez.

A experiência do Real não pode ser comunicada a ninguém porque não se parece a nada do que a mente experimentou antes.

Quando uma pessoa experimentou o Real compreende então muito profundamente o estado desastroso em que se encontra e só aspira conhecer-se a si mesmo, sem desejar ser mais do que é.

Hoje em dia, o pobre animal intelectual falsamente chamado homem só tem um elemento útil. Este elemento é o Buddhata, a essência da mente com a qual podemos experimentar o Ser, o Íntimo, o Real.

Este precioso elemento está metido na garrafa do intelecto animal. Quando durante a meditação interior profunda a mente fica totalmente quieta e em absoluto silêncio, por dentro e por fora, não somente no nível superficial, mas também em todos os diferentes níveis, camadas, zonas e terrenos subconscientes, então a essência, o precioso elemento, se escapa da garrafa e se funde com o Ser, com o Íntimo, para experimentar o Real.

CAPÍTULO 10 A VERDADE

Muitas pessoas crêem em Deus e muitas são atéias, não crêem em Deus. Existem também muitos indivíduos que nem crêem nem deixam de crer; Estes procuram portar-se bem na vida, porque se por acaso Deus existir mesmo...

Nós dizemos que a crença em Deus não significa haver experimentado Isso que é Verdade, Isso que se chama Deus.

Nós dizemos que duvidar da existência de Deus não significa haver experimentado a Verdade.

Necessitamos experimentar Isso que pode transformar-nos radicalmente, Isso que muitos chamam Deus, Alá, Tao, Zen, Brahma, Inri ou como se lhe queiram chamar.

A mente do crente está engarrafada na crença e esta última não é a experiência d'Isso que é a Verdade, Deus, Alá ou como queiramos chamá-lo.

A mente do ateu está engarrafada na incredulidade e esta última tampouco é experiência d'Isso que é a Verdade, Deus, Brahma, etc.

A mente que duvida da existência de Deus está engarrafada no ceticismo e este não é a verdade.

O que É, aquilo que é a Verdade, Deus, Allah Tao, Zen, Brahma ou como queiramos chamar a Isso que não tem nome, é totalmente diferente da crença, da negação e do ceticismo.

Enquanto a mente estiver enfrascada em qualquer um destes três fatores da ignorância, não pode experimentar Isso que os chineses chamam Tao, Isso que é o Divinal, Isso que é Verdade, Deus, Alá, Brahma, etc.

Quem experimentou alguma vez Isso que não se pode definir sem se desfigurar, Isso que alguns chamam Deus, é claro que passa por uma transformação radical, total e definitiva.

Quando Pilatos perguntou a Jesus: "O que é a verdade?" - Jesus guardou silêncio.

Quando fizeram a mesma pergunta ao Buddha, ele deu as costas e se retirou.

A Verdade é incomunicável como é incomunicável o sublime êxtase que sentimos quando contemplamos um belo pôr-do-sol.

A Verdade é questão de experiência mística e só através do êxtase podemos experimentá-la.

Todo o mundo pode dar-se ao luxo de opinar sobre a Verdade, porém a Verdade nada tem a ver com as opiniões.

A Verdade nada tem a ver com o pensamento. A Verdade é algo que somente podemos experimentar em ausência do Eu.

A Verdade vem a nós como ladrão na noite e quando menos se espera. Realmente, a Verdade é algo bastante paradoxal, quem a sabe não a diz e quem a diz não a sabe.

A Verdade não é algo quieto e estático. A Verdade é o desconhecido de momento em momento.

A Verdade não é uma meta onde devemos chegar. A Verdade encontra-se escondida no fundo de cada problema da vida diária.

A Verdade não pertence ao tempo nem à eternidade. A Verdade está além do tempo e da eternidade.

A Verdade, Deus, Alá, Brahma, ou como queiram chamar Isso que é a grande realidade, é uma série de vivências sempre expansivas e cada vez mais e mais profundamente significativas.

Algumas pessoas têm uma idéia sobre a Verdade e outras pessoas outras idéias. Cada um tem sobre a Verdade suas idéias próprias, porém a Verdade nada tem a ver com as idéias, pois é totalmente diferente de todas as idéias.

No mundo há muitas pessoas que crêem ter a Verdade sem havê-la experimentado realmente; e em geral essas pessoas querem ensinar a Verdade aos que de fato a experimentaram alguma vez.

A experiência da Verdade torna-se impossível sem a sábia concentração do pensamento.

Existem dois tipos de concentração: o primeiro é exclusivista e o segundo é pleno, total, não exclusivista.

A verdadeira concentração não é o resultado da opção com todas suas lutas, nem de escolher tais ou quais pensamentos. Isso de dizer “eu opino que este pensamento é bom e aquele outro é mau”, ou vice versa, ou ainda, “não devo pensar nisto”, e que “é melhor pensar naquilo”, etc., forma, de fato, conflitos entre a atenção e a distração e onde há conflitos não pode existir quietude e silêncio da mente.

Nós devemos aprender a meditar sabiamente e conforme surja na mente cada pensamento, cada lembrança, cada imagem, cada idéia, cada conceito, etc., devemos olhá-lo, estudá-lo, extrair de cada pensamento, recordação ou imagem, etc., o melhor.

Quando o desfile de pensamentos terminou, a mente fica quieta e em profundo silêncio e então a essência da mente escapa e advém a experiência d’ Isso que é a Verdade.

CAPÍTULO 11 OS OCULTOS NÍVEIS DO SUBCONSCIENTE

Certa noite não muito longínqua de outono, um estudante gnóstico dizia a seu Mestre: “Não me interessa auto-realizar-me ou aperfeiçoar-me; a única coisa que me interessa é trabalhar pela libertação do proletariado e, quanto ao resto, que nos leve o Diabo!”

“Água e sabão não prejudicam a ninguém” --- foi a resposta do Mestre. --- “Podes continuar trabalhando pelo proletariado, porém lava-te com bastante água sabão”.

O estudante compreendeu a parábola do Mestre e guardou então profundo silêncio.

Há pessoas que se asseiam por fora, não comem carnes, não bebem, não fumam, presumem-se de castas, porém, à noite têm poluições noturnas.

Há pessoas que cobiçam não ser cobiçosas. Essas pessoas aborrecem a cobiça e não obstante cobiçam não ser cobiçosas.

São muitos os que cobiçam virtudes. O Eu se encanta com as medalhas, as honras, as virtudes.

As pobres pessoas acham que cobiçando as virtudes conseguirão possuí-las.

Essa gente não quer se dar conta de que o Amor não existe e que só compreendendo todos os processos do ódio nos diversos túneis, terrenos e regiões do subconsciente, acaba o ódio e nasce em forma natural, espontânea e pura, Isso que se chama Amor; assim vem a existir o Amor.

As pessoas cobiçam a virtude do altruísmo, mas somente compreendendo profundamente como se processa o egoísmo nos diferentes níveis do subconsciente, podemos aniquilar o egoísmo. Morto o Egoísmo nasce em nós, sem esforço algum, a flor preciosa do altruísmo.

As pessoas cobiçam a virtude preciosa da humildade. Essa pobre gente não quer compreender que a humildade é uma flor muito exótica. Com o simples fato de sentir-nos satisfeitos com essa virtude, ela já deixa de existir em nós.

É necessário compreender profundamente todo o processo do orgulho nos diferentes níveis ocultos do subconsciente. Assim termina o orgulho. Só então nasce em nós, sem esforço algum, a flor exótica da humildade.

As pessoas cobiçam a virtude da castidade, mas só transmutando e sublimando a energia sexual e compreendendo todos os processos da luxúria em todos os níveis ocultos do subconsciente, aniquila-se este horrível vício e nasce em nós em forma natural e sublime a flor maravilhosa da castidade.

Muita gente cobiça a doçura; mas só compreendendo todos os processos da ira em todos os corredores subconscientes da mente nasce em nós a preciosa virtude da doçura.

As pessoas cobiçam a virtude da diligência; mas só compreendendo em forma íntegra todo o processo da preguiça nos ocultos níveis do subconsciente nasce em nós a diligência, depois que a preguiça foi desintegrada.

A inveja é a mola secreta da ação nesta sociedade que se presume de civilizada. Existem pessoas que cobiçam a virtude da alegria pelo bem alheio; mas só compreendendo que a inveja é o pesar pelo bem alheio e que este pesar se processa em todos os departamentos subconscientes da mente, se desintegra este pesar e nasce em nós a alegria pelo bem alheio.

Muitos cobiçam não ser glutões, mas só compreendendo todos os processos subconscientes da gula deixamos de ser glutões.

Os estudantes gnósticos devem aprender a explorar o subconsciente por meio da meditação.

Não é suficiente compreender um defeito intelectualmente. Tem-se que estudar o subconsciente.

Muitas vezes um defeito qualquer desaparece no nível superficial do intelecto, mas continua existindo nos diferentes terrenos subscientes da mente.

Necessitamos morrer de momento em momento. Conforme os defeitos vão sendo aniquilados, o Eu vai morrendo de momento em momento.

O Eu cobiça virtudes para robustecer-se. Não cobices virtudes, pois elas vão nascendo conforme os defeitos vão morrendo, conforme o Eu vai se desintegrando.

Só com a mente quieta e silenciosa, submersos em profunda meditação interior podemos extrair dentre o sepulcro da memória subsciente, toda a podridão milenar que trazemos por dentro, desde os tempos primordiais.

O subsciente é memória. O subsciente é a negra sepultura bonita por fora e imunda por dentro.

Não é nada agradável ver a negra sepultura do subsciente com todos os restos e podridões do passado.

Cada defeito escondido cheira mal dentro da negra sepultura subsciente, mas vendo-o, se torna fácil queimá-lo e reduzi-lo a cinzas. Assim vamos morrendo de momento em momento.

É necessário arrancar de dentro do sepulcro da memória toda a podridão subsciente. Só com quietude e silêncio mental podemos extrair do interior da negra sepultura subsciente toda a podridão do passado, para reduzi-la a cinzas com o fogo maravilhoso da compreensão profunda.

Muitos estudantes gnósticos quando exploram o subsciente cometem o erro de dividirem-se em intelecto e subsciente, analista e analisado, sujeito e objeto, percebedor e percebido, eu e meu subsciente, etc., etc. Este tipo de divisões cria antagonismos, lutas, batalhas, entre “o que sou eu e o que é o subsciente”, entre intelecto e subsciente.

Este tipo de lutas é absurdo porque Eu e meu subsciente é tudo Eu, tudo Eu subsciente; intelecto e subsciente é tudo subsciente, porque o intelecto também é subsciente. O animal intelectual é subsciente em noventa e sete por cento. O homem-máquina ainda não despertou a consciência. Por isso unicamente é homem-máquina.

Quando a mente se divide entre intelecto e subsciente, analista e analisado, etc., há antagonismos e lutas, e onde há antagonismos e lutas não existe então quietude e silêncio da mente. Só com quietude e silêncio mental perfeito, podemos extrair da negra sepultura mental subsciente toda a podridão do passado, para queimá-la e reduzi-la a pó com o fogo da compreensão.

Não digamos: “meu Eu tem ira, cobiça, luxúria, orgulho, preguiça, gula, etc.”

Melhor é dizer: Eu tenho ira, cobiça, luxúria, inveja, orgulho, preguiça, gula, etc., etc.

CAPÍTULO 12 O MESTRE CHINÊS HAN SHAN

Chegou até nós um resumo da autobiografia do Mestre chinês chamado Han Shan que bem vale a pena comentar para a melhor compreensão desta mensagem.

O Mestre chinês Han Shan nasceu em Chuan Chia, na formosa comarca chinesa de Nanking.

A Mãe Divina anunciou em sonhos a uma mulher muito humilde da comarca de Nanking que conceberia um menino e de fato ela concebeu um belo menino que nasceu a 12 de outubro de 1545. Esse menino foi o grande Mestre chinês chamado Han Shan.

Em 1546, quando o menino contava tão só doze meses de idade, esteve a ponto de morrer devido a uma grave enfermidade, porém sua humilde mãe orou cheia de fé à Mãe Divina Kundalini pedindo-lhe a saúde do menino e prometendo-lhe de todo o coração que se o menino sarasse ela o entregaria ao monastério para que se tornasse monge.

Quando o menino sarou, sua boa mãe fez anotar seu nome no Monastério Budista da Longevidade.

O menino Han Shan, desde tenra idade, demonstrou ser realmente um mestre. Depois da morte de um tio e do nascimento do filho de uma tia, Han Shan preocupou-se intensamente por estudar os mistérios da vida e da morte.

A mãe de Han Shan foi realmente muito severa com este menino. Em certa ocasião disse: “Tenho que vencer nele sua natureza demasiado delicada, a fim de que possa estudar como se deve.”

Ao atingir a idade conveniente, o menino ingressou no monastério e converteu-se em um verdadeiro devoto de Kwanyin, a Mãe Divina.

Em certa ocasião recitou ante sua mãezinha chinesa todo o Sutra da Boddhisattwa Kwanyin e, como é natural, sua mãezinha encheu-se de grande assombro.

Conta a tradição que quando o Mestre Ta Chou Chao viu este belo menino, exclamou cheio de alegria: “*Este menino chegará a ser um Mestre dos homens e dos céus*”.

Quando o citado Mestre interrogou o menino sobre o que queria ser, se um alto funcionário público ou um Buda, o menino respondeu com plena segurança: “*quero ser um Buda*”.

Quando jovem, Han Shan sentiu-se profundamente preocupado em seguir a carreira esotérica, após ter lido a vida do grande Mestre chinês Chung Feng. Desde então dedicou-se à vida espiritual.

Diz a tradição que o Buda Amida lhe apareceu nos mundos internos junto com os Boddhisattwas Kwanyin e Ta Shin. Não cabe a menor dúvida de que tudo isto foi definitivo para que Han Shan se entregasse de cheio à vida esotérica.

Han Shan adotou o nome de Ching Yin, depois de haver escutado uma maravilhosa conferência sobre as dez portas misteriosas.

Quando Ching Yin chegou à idade de vinte anos, o Mestre do monastério, seu grande Mestre, morreu; porém, antes de morrer chamou todos seus monges e lhes disse: “Tenho oitenta e três anos e muito logo terei de abandonar este mundo. *Tenho atualmente oitenta discípulos, porém o discípulo que haverá de continuar minha obra é Han Shan (Ching yin). Depois de minha morte deveis obedecê-lo e haveis de respeitar sua palavra, sem levar em conta sua idade*”.

Assim foi como o Mestre chinês chamado Han Shan iniciou neste mundo sua grande obra.

Quando estudou o livro de Shao Lung e corrigiu as provas, ficou iluminado ao ler uma frase de um velho Brahmin que regressa à sua casa já muito idoso e os vizinhos exclamavam: “*Vejam, aquele homem de então ainda existe!*” E responde o ancião Brahmin: “*Ó, não, pareço ser um velho, mas em realidade não o sou!*”

Han Shan, ao ler isto, disse: *“Em realidade os dharmas não têm começo nem fim. Quão verdadeiro é isto, quão verdadeiro!”*

O Mestre Fa Kuang instruiu profundamente Han Shan sobre a técnica científica da meditação; lhe ensinou também a dissociação da mente, a subconsciência e as percepções sensoriais e como manter-se afastado dos caminhos sagrados e mundanos do conhecimento, durante a meditação.

As associações da mente para formar frases, recordações, imagens, idéias, desejos, etc., constituem a causa fundamental da incessante tagarelice e de todo o batalhar das antíteses.

Se à base de compreensão logramos a dissociação mental, se à base de compreensão conseguimos a dissociação de todas as recordações subconscientes, se à base de compreensão logramos eliminar os elementos subjetivos de nossas percepções, então é claro que a mente fica quieta e em silêncio, não só no nível superficial, mas também nos níveis mais profundos do subconsciente.

Han Shan alcançou a quietude e silêncio da mente e converteu-se de fato em um iluminado Mestre de perfeição.

Os velhos sábios diziam: *“Se não permites que tua mente se perturbe ao escutar o som da água que corre durante trinta anos, chegarás à compreensão milagrosa do Avalokitesvara”*.

Han Shan converteu-se em um atleta da meditação interna e nada podia perturbá-lo. Sua comida consistia em grãos, verduras e arroz em quantidade suficiente para viver.

Han Shan converteu-se em um verdadeiro atleta da quietude e do silêncio da mente e é claro que chegou à iluminação.

O resultado ou consequência da iluminação são os poderes que muitos cobiçam, porém que vêm ao místico sem necessidade de cobiçá-los, quando realmente chegou à iluminação.

Conta Han Shan que um dia, depois de haver comido seu cozido à base de arroz, verduras, etc., saiu a caminhar, porém de repente deteve-se surpreendido ao ver que não tinha corpo, nem mente. Então só viu um *“Todo iluminado onipresente, perfeito, lúcido e sereno”*.

A partir de então todos os poderes de clarividência positiva, clariaudiência formidável, telepatia, intuição régia, etc., despertaram-se totalmente em Han Shan graças à quietude e silêncio da mente e como consequência da iluminação.

Han Shan compôs este precioso poema transcrito por Chang-Chen-Chi:

***“Quando reina a serenidade perfeita,
se alcança a verdadeira iluminação.
Como a reflexão serena inclui todo o espaço,
posso tornar a olhar ao mundo
que está formado de sonhos e só sonhos.
Hoje compreendo realmente
a verdade e a justiça dos ensinamentos de Buda!”***

Han Shan, a base de muitíssima meditação íntima e com a suprema quietude e silêncio da mente, logrou despertar o Buddhata, isto é, a essência, a consciência.

Durante as horas de sono Han Shan deixou de sonhar e vivia nos mundos superiores totalmente desperto. Ao regressar ao corpo físico depois do descanso do sono, trazia a seu cérebro físico todas as recordações de suas experiências nos mundos superiores. Tudo isto Han Shan conseguiu à base de quietude e silêncio mental.

Uma noite, enquanto seu corpo físico dormia, Han Shan entrou no templo da grande sabedoria. Os Mestres Ching Yan e Miao Feng em seus corpos astrais receberam-no com imensa alegria.

Nesse templo Han Shan recebeu o ensinamento preciosíssimo da entrada ao Dharmadhatu.

Por esse ensinamento Han Shan soube o que são, no fundo, as leis de evolução ou progresso e involução ou retrocesso.

Também compreendeu Han Shan que existem muitas terras Búdicas que se penetram e compenetraram mutuamente sem se confundirem e que a principalidade e o serviço são fundamentais nessas terras.

Han Shan compreendeu que o que em nós discrimina é a subconsciência e o que não discrimina é a sabedoria.

Han Shan compreendeu que a pureza ou a impureza dependem totalmente de nossa mente.

Han Shan esteve em corpo astral dentro do Templo de Maytreia Boddhisattwa. Foi este quem, lendo em um rolo que abriu, disse: *“O que em nós discrimina é a subconsciência; o que não discrimina é a sabedoria.”*

“Se dependes da subconsciência te corrompes; se te apoias na sabedoria obterás a pureza”.

“Da corrupção provêm a vida e a morte”. “Se as pessoas alcançam a pureza não haverá necessidade de Budas”.

Quando Han Shan regressou à sua casa depois de muitíssimos longos anos de ausência, os vizinhos perguntaram à sua mãe: “E este, de onde veio? Veio por barco ou por terra?”

A mãe respondeu: “Vem a nós desde o vazio”.

Certamente Han Shan veio desde o vazio iluminador. Assim está escrito e Chang-Chen-Chi assim o conta.

A quietude e silêncio absoluto da mente, depois de grandes práticas, provocam a ruptura da bolsa, a entrada no vazio iluminador. Então entramos em êxtase porque nossa consciência desperta.